

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Anjos Pacheco**

registada em 2008-09-16  
por

Susana Pires e Hugo Pereira



## António Anjos Pacheco

António Anjos Pacheco nasceu a 11 de Fevereiro de 1930, no Piódão. Filho de César Lopes Pacheco e Maria dos Anjos Pacheco. Naturais do Piódão, ambos trabalhavam na agricultura e criaram dez filhos. António foi à escola, mas por pouco tempo. “As famílias eram muito grandes, não havia onde se ir ganhar.” Andou pelas terras a servir, até que foi para o Entroncamento, com 14 anos. Trabalhavam durante nove meses e regressavam à aldeia. Depois de alguns anos foi para Lisboa, empregou-se numa obra, como servente de pedreiro. Mais tarde, foi para a CUF, “fazia limpeza nos navios, a raspar” e depois foi para a oficina. Trabalhou lá uns anos. Mais tarde, esteve no comércio. O namoro com a esposa foi curto, já se conheciam do Piódão, conversavam de vez em quando. Casou quando tinha 29 anos. “Ia-se à igreja, fazia-se um almoço e convidava-se a rapaziada.”

# Índice

Identificação António Anjos Pacheco.....	4
Ascendência Agricultura, tinha de se viver disso.....	4
Casa "Uma casa modesta".....	5
Infância Entre a escola e o trabalho, as brincadeiras.....	5
Educação "Aprendi a ler".....	6
Percurso profissional Do Alentejo para Lisboa.....	8
Namoro Namoro curto.....	11
Casamento Casamento normal.....	12
Descendência Queria estar na província.....	13
Costumes Memórias entre o Piódão e Lisboa.....	15
Lugar Uma aldeia com mudanças.....	25
Avaliação "Bom para divulgar".....	30

## Identificação *António Anjos Pacheco*



### **António dos Anjos Pacheco com cerca de 16 anos (década de 40)**

O meu nome completo é António Anjos Pacheco. Nasci a 11 de Fevereiro de 1930 no Piódão.

### ***Ascendência Agricultura, tinha de se viver disso***

O meu pai era César Lopes Pacheco e a mãe Maria dos Anjos Pacheco. Eram os dois naturais do Piódão e trabalhavam na agricultura, no campo. Tinham de viver disso. Tiveram dez filhos.



**Pais e irmão mais novo de António dos Anjos Pacheco (Piódão, década de 50)**

### ***Casa "Uma casa modesta"***

Eu nasci numa casa ao lado da que hoje vivo. Era uma casa modesta. Na altura, não havia os abonos de família, não havia subsídios de coisa alguma e as pessoas tinham que viver e sobreviver só com aquilo que cultivavam. Não havia trabalhos, indústria, nem comércio. Viviam do campo. Só vendiam, às vezes, um animal, uma cabra ou uma coisa assim. Era uma dificuldade imensa para arranjar dinheiro. Eram 12 pessoas a viver numa casa com poucas divisões. Viviam os rapazes todos praticamente juntos e as raparigas do outro lado. No meu caso, éramos dez e raparigas eram só duas. Tinha que se sobreviver.

## **Infância *Entre a escola e o trabalho, as brincadeiras***

### **"Parecia verniz"**

Depois da escola, eu ia guardar cabras e buscar mato e a lenha para queimarmos. Trazia tudo às costas. Não havia fogões, não havia nada. Nem as casas tinham chaminés. O fumo "laboriava" a casa por inteiro. Dava uma volta à casa toda, mas aquelas madeiras não apodreciam. O próprio fumo é que envernizava as madeiras e nem o caruncho entrava. Hoje, uma casa desabitada cai. Na altura, as casas era água por todo o lado e não caíam. Aquelas madeiras aguentavam-se toda a vida, porque estavam ressequidas, envernizadas. O fumo era tanto que aquilo parecia verniz, a água não entrava. Matavam os porcos, e curavam aqueles presuntos naquelas cozinhas sem chaminés nem nada. A gente punha carne na panela, era um cheirinho! Hoje não, o que está aí a vender não tem gosto nenhum.

### **Brincadeiras com paus e pedras**

Antigamente, brincávamos com aquilo que havia. Havia as pinhas dos pinheiros, atava-se um bocado de fio numa pinha e andávamos com aquilo, como se fosse um burro. Fazíamos brincadeiras com paus e com pedras. Jogava-se assim. Tínhamos que arranjar os nossos brinquedos, porque não havia dinheiro para os comprar como hoje. E, nessa altura, havia muitas crianças no Piódão. É curioso que ainda não há muitos anos estive cá uma professora que chegou a ter 52 alunos. Mas depois a escola ardeu. Era ao pé do Inatel. O último ano da escola, há uns três anos e tal, já lá estava o professor só com um aluno. E o aluno era filho dele, era o único. O professor era o meu filho e o aluno meu neto.

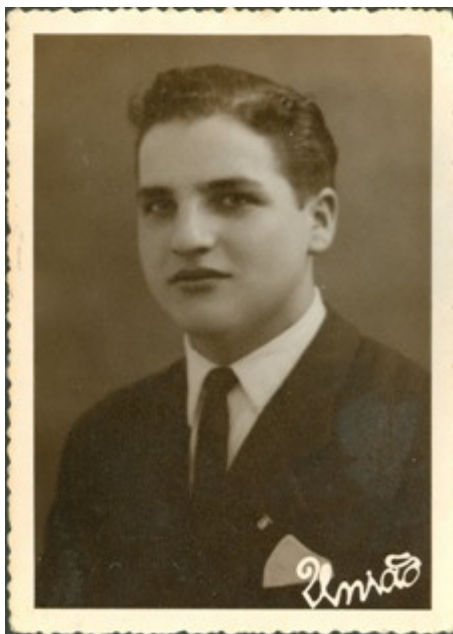
### **Educação "*Aprendi a ler*"**

Eu fui à escola. Mas, na altura, os professores tinham grande dificuldade em se deslocarem para o Piódão. Na minha altura, era ao pé da igreja, onde hoje é o Centro de Dia. Era a residência do pároco e a escola, tudo seguido. Recordo-me que a escola tinha umas cadeirinhas muito velhinhas. Depois, comprávamos uma pedra com uns caixilhos. Na primária, a gente partia aquilo. Aconteceu-me a mim e aos outros. Era um bocado de pedra, de lousa preta, onde escrevíamos e apagávamos. Cuspiam, apagavam, voltavam a escrever. E todo o dia assim. Na

altura, as professoras davam cada tarefa nas mãos, que punham as mãos a cair para o lado. Era com uma régua, uma vara estreitinha. É curioso, uma vez, diz a professora:

- "Há-de me trazer uma vara."

E um gajo arranjou-lhe uma vara comprida, muito comprida. O tipo que foi cortar a vara a um sítio ruim de ir, que só quase um gato lá ia, foi o primeiro que levou com ela na cabeça. Mas eu pouco andei na escola, porque, infelizmente, as famílias eram muito grandes, não havia onde se ir ganhar. Era preciso vestir e calçar e não havia. Um ia para uma terra servir, outro ia para outro lado trabalhar, a guardar cabras. Eu andei nisso muita vez até que depois fui para o Alentejo. Mas ainda aprendi a ler.



**António dos Anjos Pacheco com cerca de 16 anos (década de 40)**

### **O cónego Nogueira e o irmão professor**

O meu pai contava-me a história do cónego Nogueira. Está uma estátua dele no largo da aldeia. Esse foi um grande homem. Foi ele que mandou arranjar os



caminhos de cabra que há do Piódão para Vide. Esse homem esteve na aldeia muitos anos e tinha um irmão que era professor. Isto contavam os antigos. Tanto que aqueles velhotes que viveram naquele tempo sabiam ler. Mais tarde, os que se seguiram já não sabiam, porque os professores deixaram de vir também. Na altura, aprenderam a ler com o irmão dele, que era muito mau. O cónego era uma jóia e desenvolveu isto. E ele então pegava lá na aula, pegava neles a jeito e batia com a cabeça no tecto, que aquilo era baixinho. E aprenderam a ler, aqueles velhotes. Velhotes que morreram, como o meu pai, sabiam ler e escrever. Vinham para o Piódão de fora. Em Lisboa estive com um tipo, com quem fiz a quarta classe já depois de adulto, que dizia que o pai dele tinha estado no Piódão a aprender. Vinham até de Guimarães, da Guarda, de um lado e de outro, porque ele fundou uma espécie de um seminário. Preparava até já um curso superior. Muitos homens que estiveram à frente dos destinos do nosso país passaram pelo Piódão. Tinha cá uma Universidade e andavam sempre em guerra. Não era bem racismo mas os gajos não se entendiam e era porrada uns nos outros. Mas o professor era riço como tudo. Também tinha que ser porque eles eram homens criados mas eram uns brutamontes. Os gajos andavam à tarefa uns com os outros e chamavam:

- "Olha é Guimarães, esfolo gatos, come cães!"

Aqueles calões que eles empregavam uns para os outros. Depois, o professor topava. Andava por ali. No outro dia, quando eles iam a entrar para a escola, punha-se atrás da porta com uma régua muito comprida. Quando iam a entrar, aqueles que ele via que tinham feito a desordem, pumba! "Guimarães", toma. "Esfolo gato", pumba! "Come cães", pumba! Mas eles aprenderam a ler e hoje há muitos que andam na escola obrigados e nunca tiram curso nem nada.

## **Percurso profissional *Do Alentejo para Lisboa***

### **"De sol a sol"**

Primeiro, estive um ano no Alentejo, a trabalhar de sol a sol. Tinha 14 anos, ia para os 15. Vinham uns tipos de outras terras, dessas terras aí "pia fora"<sup>1</sup>e contratavam certos rapazitos para ir trabalhar. Em geral, iam fazer vindimas. Íamos a pé para Vide. Da Vide é que vinha uma camioneta buscar-nos e levar-nos para lá. Depois, íamos para o Entroncamento. No Entroncamento tinham lá uns gajos das herdades do Alentejo, vinham buscar-nos numas galeras, umas

<sup>1</sup>por aí a fora

carroças puxadas a mulas. Levávamos uma caixita com os trapos. A alimentação para todos os meses era tantos quilos de farinha, azeite e feijão. A gente todos os dias fazia aquilo. Aquela farinha em água a ferver, amassava, punha um bocadinho de água, amassava bem amassado, depois punha-se azeite e comia-se aquilo assim. Era uma escravidão autêntica. Ganhávamos na altura, ao fim dos nove meses, salvo erro, 700 escudos. Não chegava a 100 escudos por mês! Eram umas migalhas e mandei-o para o meu pai. A gente do pouco que recebia ainda vendíamos algumas coisas. Uns quilos de farinha, feijão. Tanto que eu ainda arranjei dinheiro para a viagem do Alentejo para Lisboa. E o dinheirito, eu disse lá ao capataz, que era lá o manda-chuva:

- Olhe, depois entrega ao meu pai, lá na terra.

Nem cheguei a ver o dinheiro. Mas parece que não chegava a 800 escudos. Ali quase um ano a trabalhar. Andei para lá muitos anos para ganhar alguma coisa. Eram nove meses. No fim, vinha para a terra, depois ia novamente. Vínhamos mais ou menos em Junho e em Outubro tornávamos a ir. Depois, lá fui para Lisboa, eu e mais um rapazito meu amigo. E lá ficámos.

### **A passagem para Lisboa**

Quando vou para Lisboa, lá me empreguei numa obra, como servente dos pedreiros. Eu não percebia nada daquilo, mas lá ia fazendo qualquer coisa. Uma vez, era a endireitar os pregos para aplicar novamente nas madeiras. Outras vezes, era a acartar areia, a fazer limpezas. O primeiro ordenado que ganhei em Lisboa foram 11 escudos por dia. Depois fui para a CUF - hoje é a Lisnave - nos estaleiros, ao pé do Jardim da Rocha. Fui para lá, ganhava 17 escudos. E assim que atingi os 18 anos passaram para 26 escudos por dia. Na CUF, fazia limpeza nos navios, a raspar. Chamavam os miúdos da pica, eram aqueles rapazitos mais novinhos. Em vez de andarem lá nos barcos, a meter escoras aos barcos, onde eles iam para as docas para limpar os fundos e pintar, a gente andava por dentro a fazer limpezas, no veio onde trabalha a hélice. Tirávamos aquilo e tínhamos de nos meter ali dentro e limpar, raspar a ferrugem e pintar. Depois fui para a oficina. O dono da oficina tinha uns barcos de pesca a carvão. Metiam aqueles fornos cheios de carvão, e iam para o mar. Tinham umas caldeiras e iam metendo carvão para fazer vapor, aquilo dava 200 e não sei quantos graus para fazer vapor, para fazer andar a hélice, e para a máquina trabalhar. Trabalhei lá uns anos. Mais tarde, estive no comércio.



**António dos Anjos Pacheco (à dta.) e irmão (à esq.), no Terreiro do Paço (Lisboa, década de 40)**

### **Atrás de um balcão, uma questão de paciência**

Estive num balcão. Cheguei a um ponto que até tomava conta do bar, que pertencia a uma leitaria, porque tinham confiança em mim. Era no Largo da Dona Estefânia. O bar era uma coisa e a leitaria era outra e havia os empregados. Então o dono para lá não meter muitos empregados perguntou-me se eu não me importava de abrir quando pudesse, que eu tinha a chave.

- Eu não me importo de cá andar sozinho.

- "Você venha quando quiser, abra à hora que puder e feche à hora que puder."

Mas aquilo tinha matraquilhos, aquelas coisas de jogar com uns bonecos. Aquela rapaziada saía dos trabalhos, ia tudo para lá e toma, toma, toma. Eu cheguei a sair de lá à uma hora da noite. Era novo e tinha mais paciência. Às vezes, também jogava e entretinha-me ali. Mas havia um eléctrico que passava lá mesmo à uma hora, ao pé do bar, no largo, que vinha para Santo Amaro ao

pé da Alcântara, para as oficinas, e que trazia o pessoal das oficinas da Carris. E eles até, às vezes, paravam um bocado. Àquela hora, mesmo que lá estivessem:  
- Eh pá embora, que eu tenho que me ir embora!



**António dos Anjos Pacheco, empregado de bar  
no Largo de D. Estefânia (Lisboa, década de 60)**

Punha-os até fora o resto, porque era demais. À uma hora é que eu tinha de vir. Podia fechar mais cedo mas eu à uma hora é que tinha que apanhar aquele transporte, senão tinha que alugar um táxi ou qualquer coisa para vir para casa. Lá tinha um quarto, que aluguei para dormir. Era um andar de um senhorio, que era de uma territa vizinha, Vale do Torno. Esse senhorio tinha lá um prédio grande e eu vivia num andar com mais três ou quatro quartos. Cada qual tinha o seu quarto. E eu vivi lá muitos anos. Enquanto estive a morar em Lisboa estive sempre ali naquele quarto. A casa era ao pé de onde hoje é o Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas na altura, era lá o quartel-general do exército. Eu como ainda era novo, às vezes, ia jogar à bola com os soldados.

### ***Namoro Namoro curto***

Os namoros eram curtos. A gente já se conhecia, porque éramos os dois do Piódão. Lá conversávamos de vez em quando. Eu até já estava em Lisboa, mas

vinha à aldeia de vez em quando. Depois pensei em casar. Já tinha uns anitos. Casei-me com 29 anos.

### **Casamento *Casamento normal***

O casamento não era como é hoje com pompa e circunstância. Era um casamento normal. Ia-se à igreja, fazia-se um almoço e convidava-se a rapaziada. Convidavam-se as pessoas que a gente entendia que deviam vir, a família em si e sem ser família. Mas era uma coisa simplória. Hoje fazem os casamentos, gastam milhares e milhares de euros. Às vezes, o casamento falhou ao fim de um mês ou de um ano. No Piódão não, suportavam! As pessoas estavam habituadas ao duro e suportavam. Porque a vida de casado é bonita mas traz muitos espinhos. Porque depois vem um filho, depois vem a doença, depois isto, depois aquilo. Depois a gente nem sempre está bem disposto. Um bom casamento, mesmo que haja boa harmonia, há sempre os dias que uma pessoa tem de suportar. E isto tanto vale da parte do homem como da mulher.



**Laurinda Piedade Pacheco, esposa de António dos Anjos Pacheco**

## Era o que havia em casa

O almoço era a única coisa que a gente tinha. Comia carne mais ou menos boa. Porque em geral, em todas as casas, fossem muitas ou poucas pessoas, tinham um rebanhinho de gado. Uns mais, outros menos. Andavam por essas encostas. Agora a carne não tem gosto nenhum. Eu cheguei a levar carne para Lisboa, quando estava no bar. Fazia lá o comer para mim. Servia muita coisa, sandes e coisas assim, mas não servia almoços. E as pessoas passavam, aquilo tinha um passeio muito largo, as pessoas estavam na paragem de autocarro mesmo defronte do bar. Era um cheirinho quando eu estava a fazer o comer. As pessoas atravessavam, e chegavam lá:

- "Desculpe, o senhor serve aqui almoços?"

- Não, não.

- "Ai que cheirinho!"

- Mas isto é só para mim.

A carne que eu levava da aldeia. Os porcos eram criados só com o que dava nestas terras. Milho, farinhas, abóboras, nabos, couves e essas coisas todas. Hoje não, hoje são criados com rações, a carne não tem gosto nenhum. A que vêm aí vender não tem gosto nenhum. O que a gente matava é que era bom!



**Laurinda Piedade Pacheco, esposa de António dos Anjos Pacheco (com menino ao colo) com 30 anos de idade (Piódão)**

## Descendência *Queria estar na província*



**Ricardo Lopes Pacheco, filho de António dos Anjos Pacheco, durante as filmagens d’ “O Piano” (Piódão, início da década de 70)**

O meu filho estudou no Piódão, na primária, até à quarta classe. Fez a Telescola durante dois anos e foi para Arganil até ao 12º ano. Depois, foi tirar o curso ao Algarve. Mas eu não tinha posses. Tinha uma reforma pequena, não dava. Ele é que puxou pela cabeça. E deve-se só a ele. Um primo facilitou-lhe o alojamento. Ele depois foi pagando quando podia. E também puxou pela cabeça, porque nas férias grandes enquanto os outros colegas iam passear para Espanha, para um lado e para o outro, ele ia trabalhar. Até chegou a andar nos Correios, de carteiro, para arranjar algum dinheiro para tirar o curso. Logo que acabou o curso, foi colocado no Piódão, que era o que ele gostava. Depois, houve um ano que foi colocado em Coimbra. Então havia uma professora de Coimbra que tinha sido colocada nesta escola. E ela vivia mesmo ao lado da escola onde ele foi colocado. Depois, lá se foram conhecendo. Ele gostava de vir para a província e ela então foi um achado. Tinha uma bebé pequenina, andava em viagens, no Inverno para um lado e para o outro, fins-de-semana, tudo. Trocaram. Depois, esteve na Malhada Chã. Ainda lá havia a Telescola. Depois esteve aqui, ardeu. Esteve em Avô, também, e agora está na Ponte das Três Entradas.



**Comunhão no Piódão da filha de António dos Anjos Pacheco  
(esq. p/ a dta.: António Pacheco, sobrinha, filho, filha e esposa)**

## ***Costumes Memórias entre o Piódão e Lisboa***

### **Sobreviviam os que eram rijos**

As doenças eram um problema grande, só que os gajos aguentavam-se. Quando nasciam, se eram muito frágeis morriam, e aqueles que aguentavam eram rijos. Não havia médicos, não havia estradas, mas havia poucas doenças. E quando tinham uma doença, tinham de o levar numa espécie de padiola, uns pegavam atrás, outros à frente. Levavam-no a pé aí 20 ou 30 quilómetros, para ir a um médico. Às vezes, o médico também vinha ao Piódão mas nem todos. Havia um médico, de Côja, o doutor Fernando Vale, que veio muitas vezes. Um grande homem! Morreu com 104 anos, homem rijo! Esse é que ainda veio umas vezes a pé, outras vezes vinha a cavalo, num macho. Mais tarde, já vinha num carro. Ele vinha ver os doentes. Quando vinha, tinha que os levar assim. Há um filho dele que eu conheço, que se chama Fernando Maia Vale - o pai era Fernando Vale e o filho é Fernando Maia Vale - parece que é muito mais velho que o pai. O pai morreu agora há pouco tempo. Ainda ia de Côja a Arganil, num carrito, com 104 anos.



## "Faziam a barba e curavam"

Havia um tio meu, de Cebola, que agora é São Jorge da Beira, terra do meu avô, que trabalhava como barbeiro. Os barbeiros faziam de tudo. Eram capazes de fazer uma barba mas curavam. Era à base de ervas. Eu ouvi uma vez um médico a um tipo:

- "O que é que está a tomar?"

E ele:

- "Ah! Estou a tomar isto, aquilo e aqueloutro."

E ele diz assim:

- "Então quem é que mandou tomar?"

- "Ah! Foi o senhor barbeiro." - chamavam o senhor barbeiro.

Ele esteve a olhar. Coisas que ele depois mandou ir buscar a uma farmácia. Mas ele também disse:

- "Você siga com ele, porque ele salvou-lhe a vida".

O homem salvou muita gente. Ele fazia de tudo. Diziam que fazia sangria, quando as pessoas tinham certas doenças. Tirava-lhes sangue pelo nariz. Partiam as pernas, ele curava-os, lá os atamancava, tudo. Tratava de tudo. Eu lembro-me de um dia, andava eu e um primo meu na serra, porque nasciam lá umas flores muito lindas, na entrada da Primavera e a gente no Domingo de Ramos ia à igreja e levava ramos de louro. O padre benzia-os e depois recolhiam-se para casa esses ramos de louro. E dia de Santa Cruz, que é o dia 3 de Maio, a gente partia uns pauzinhos, fazia umas cruces e punha nas portas. E a parte da rama levava-se para as hortas que era para afastar os raios. E a gente ali enfeitava aqueles ramos de louro com aquelas florzinhas muito bonitas. Um dia, andava lá a apanhar mais ele, calhou de ser ele, podia ter sido eu, cai lá por aquela parede abaixo, catrapumba, abriu uma brecha salvo seja na cabeça, como uma melancia quando se dá um golpe, cabia sem exagero uma mão! Veio a deitar sangue de lá, um quilómetro quase, talvez, para aqui. Depois fomos lá ter com o meu tio:

- "Os sítios que eles me vão! Haviam de lá ficar!"

Ele estava zangado, mas pegou nele e coseu. Aquilo devia estar dormente, eu lembro-me dele com uma agulha e com um fio que ele tinha. Coseu-lhe aquilo a sangue frio, depois disse à mãe dele:

- "Vais a tal lado e trazes ervas." - lá lhe deu o nome nuns bocados - "Estão ervas não sei de quê, pisas e primeiro lavas com água de malvas bem lavado, depois pisas aquilo e pões esses emplastro em cima."

E aquilo curava tudo. Ele está mais bem conservado, só tem um ano de diferença de mim. Eu até digo:

- Eh, pá! O gajo está bom!

Eu já não tenho cabelo e ele tem o cabelo bom. E eu assim para ele:

- Também se tu estivesse careca como eu, a tua cabeça parecia um mapa de Portugal.

Tem tanta mozza, tanta mozza, tanta mozza. E a vida era assim.

O nome do meu tio é Francisco Lopes Pacheco. Está uma lápide numa rua com o nome dele. Foi um grande homem.

### **"A parteira era minha tia"**

Tínhamos também uma parteira. Era a minha tia, irmã da minha mãe e minha madrinha de baptismo. Chamava-se Maria Silva. Essa era a parteira. Ia buscar um molho de mato, de manhã, que tinha aí umas ovelhas. Estava ali sozinha. Nunca foi casada, ia buscar um molho de mato, chegava e diziam:

- "Olha Maria, está ali fulana assim, assim para ter um menino."

Ela ia lá, trabalhava aquilo duma maneira, depois lavava as roupas, fazia aquilo tudo. Quando eles nasciam era curioso:

- "Ó tia Maria Silva, então como é que é o menino?"

- "Olhe, é a cara da mãe".

A qualquer conhecido dizia que era a cara da mãe ou a cara do pai. Mas atamancava tudo. As pessoas viviam assim. Eram rijas. Viviam com 90 e tal anos e mais. A minha mãe morreu com 90 e tal, há cinco anos.

### **Mordomo da igreja**

Eu fui mordomo da igreja. Aquilo era assim: primeiro, todos os anos, havia um mordomo individual e havia uma comissão da igreja, a cujo esse mordomo ao fim do ano prestava contas. A comissão da igreja depois é que transigia com o padre. A comissão é que era responsável pelas festas que havia da igreja, pelos bens, por tudo. E eu estive um ano, em mordomo, que não era a comissão. Hoje a comissão é que tem de fazer tudo. Tem de fazer de mordomo, tem de fazer de comissão, tem de olhar por tudo. Nesta comissão agora quando se formou estive quatro anos. Era o tesoureiro. Mas já tinha estado um ano de mordomo sozinho, portanto foram cinco anos que eu estive lá de volta do padre. O mordomo tirava esmolos, marcava as festas, tratava quando havia festas, olhar pelas coisas que é preciso, ofertas que davam, leiloar na igreja, tomar conta disso tudo e ao final do ano prestava contas à comissão da igreja. Mas depois a comissão é que tinha de fazer tudo.

## **Festas aos padroeiros**

O santo padroeiro é a Nossa Senhora da Conceição. Há aqui o S. Pedro, também lhe fazem uma festa, no dia 29 de Junho. Primeiro faziam todos os anos, agora a despesa é muita, depois também é preciso pagar licenças aos padres e já não há todos os anos. Mas quando fazíamos festas era para aí fogo. Num sentido, até foi bom acabar. Às vezes, havia festas que pegava fogo lá adiante. Os foguetes caíam mal, pegavam fogo nas ervas. Agora, não deixam botar fogo. Mas era giro porque era próprio da festa. Fogo por todos os lados. Depois vinham as pessoas, tinha-se de combinar. Tu pegas nisto, tu pegas naquilo, naquelas lanternas, naqueles paramentos, para fazer as procissões. Aquilo dava muito trabalho ainda, ser mordomo. Houve cá um padre que morreu e tem o nome dele, aí ao pé de uma igreja, uma rua. O padre Ilídio Portugal. Penso que ele depois daqui foi para Buarcos, ali para o pé da Figueira da Foz. Foi o padre que me casou quando eu cá estive. Mas era um grande padre, trabalhava muito lá na igreja. Ele ia para ali, quando havia obras, ele é que andava, de bata, esfarrapada, trabalhava ali. Agora os padres já não. O que cá está agora foi criado ao pé de mim.

## **Lavavam os pés**

A missa de lava-pés é na véspera de Páscoa. Mas essas cerimónias agora acabaram. Era uma missa, onde os padres lavavam os pés a uns tantos homens, depois havia uma toalha, faziam um género de uma festa. Comiam todos. Agora na Páscoa dão as boas-festas pelas portas. É a festa da Páscoa. Continuamos a celebrar esse dia. Isso é sempre. O Domingo de Páscoa.

## **A tradição dos raminhos**

Na Quinta-feira da Ascensão, quando era miúdo, a gente ia naquele dia para os campos fazer aqueles rosários de flores, das espigas do centeio e de trigo. Punham até ramos de oliveira misturados. Faziam aqueles raminhos. Agora isso está-se um bocado a perder. Dantes é que havia essa tradição, a fundo, muito arreigada na pessoa, porque a pessoa vivia isto. Era criada e vivia naquilo.

## As abelhas são inteligentes

O mel é a abelha que o faz. Elas são muito inteligentes. Dizem que arranjaram umas colmeias em vidro para as verem a trabalhar mas elas foram mais inteligentes, antes de começarem a trabalhar, barraram-lhes o vidro, é verdade. O meu filho tinha aí umas colmeias, ardeu-lhe tudo, eram de madeira. As abelhas têm uma mestra e é curioso, quando é na Primavera, elas criam muita abelha, põem os ovos e saem muitas abelhas. Se sair uma mestra a mais ou duas, elas têm de se ir embora com uma quantidade delas. É onde saem os enxames. Só pode estar uma em cada colmeia. Mas aquilo é um trabalho tão bem feito que sai dali um mel delicioso. Depois é que se sabe quando elas estão cheias. O meu filho teve azar, não as crestou, não tirou o mel, e depois foi-se tudo embora. Mas o mel tem de ficar a uma certa altura. Se forem tirar tudo elas morrem. No Piódão, o mel ainda é bom, porque não está poluído. Agora já está outra vez a povoar tudo. Há aí um mato que deita uma florzinha escura que lhe chamam a moiteira negral onde os carvoeiros faziam carvão, antigamente, quando eu era miúdo. Eles sobreviviam disso, iam para a serra arrancar aquelas torgas daquela moiteira, faziam carvão, depois vinham homens buscá-lo, carregá-lo com uns machos. Não havia estradas, para sobreviverem, para fazerem alguma coisa. Então esse mato é que é bom para a abelha, sai aquele mel escurinho, bom. Qualquer dia tornam a queimar isto. Já está outra vez tudo a povoar-se.

Mas, antigamente, era mel por todos os lados. A Ermelinda, minha vizinha, passou nas colmeias dela no dia em que elas queimaram, para tirar o mel nesses dias. Mas não tirou, então ele corria, que era uma dor de alma. O mel a correr. Ardeu tudo, tudo. Mas agora já aparecem também malinas nas abelhas e nas colmeias. Está tudo deteriorado. Quando era miúdo, apareciam enxames por todo o lado, que não sabia de onde vinham. Havia no valeiro, nos barrocos, várias árvores: figueiras, cerejeiras, nogueiras, havia tudo. Isto era povoado de uma maneira... Mas veio uma queima aqui há uns 20, 21 anos. E quando já estava tudo mais ou menos povoado, veio outra há três anos. Ardeu outra vez tudo. Foi quando veio uma grande cheia logo a seguir que arrasou com o largo ao pé da igreja. Havia um largo ainda maior do que o que está agora. Chegaram a lá estar 30 e 40 carros. Fazia um jeitão. Depois vem uma trovoadas a seguir à queima, há três anos, fez agora três anos em Junho. Nunca cá vi! Começou a enrolar, não foi do volume da água, foi de ter ardido tudo. As pedras ficaram quase soltas, começou a enrolar pedras, cepas de castanheiros e de pinheiros, entupiu

as manilhas, o largo foi-se embora. Estavam lá dois carros foram-se embora. Se lá estivessem mais, como já o vi cheio, tinham-se ido embora.

### **Tempo de racionar**



**António dos Anjos Pacheco (Moscavide, 1950)**

Eu sou do tempo que a gente comia por racionamento, mesmo em Lisboa. No tempo do Salazar, isto estava mal, diziam que o homem tinha os cofres abarrotados com dinheiro e hoje estão tesos. Tinha o país muito atrasado. Uma calamidade. Só analfabetismo. Havia uma espécie de um livro, que diziam que eram as cartas de racionamento, que tinha direito a tanto de mercearia. Não era à balda. A gente ia à mercearia e se quisesse comprar 1 quilo de arroz ou de massa estava ali um papel: era só meio quilo disto, 250 daquilo. E, na altura, uma pessoa comia dois pães ou qualquer coisa. Só que eu era novo em Lisboa e o padeiro que ia levar o pão, conhecia a gente e sabia:

- "Estes gajos são novos, precisam de comer!"

E deixava um pão inteiro. Era um pão escuro, parecia cimento. Se o deixasse ficar de um dia para o outro, podia atirar com ele numa parede que fazia um buraco. Estou a falar verdade!

## **Tempo da tropa**



### **António dos Anjos Pacheco em serviço militar (década de 50)**

*A propósito, recordo-me de uma história que se passou na tropa. Eu assentei praça num quartel, que agora já acabou, que era a Artilharia nº 3, na Rua da Artilharia nº 1. Só estranhei quando assentei praça, de manhã, ver tanta cabeça pelada, tudo com o cabelo rapado. Eram 2000 e tal homens, porque era um quartel-escola, onde iam tirar cursos os oficiais. E aquilo tinha para ali soldados... Havia uma caserna com 200 e tal homens, chamavam-lhe a bateria dos adidos. Era só daqueles tipos, tenentes e alferes, vinham lá fazer o curso até major e até capitão. E levavam um impedido, porque era do tempo que ainda havia cavalos. Eu já não tive instrução de cavalos, já era de motorizada. Mas era os cavalos para os senhores irem passear. Já naquele tempo iam passear e iam aqueles impedidos, a gente até chamava de sopeiros, tinham um boné,*

*para tratar dos cavalos aos donos e para lhes engraxar as botas. Então como assentaram praça muitos soldados na mesma armação, era uma espécie de beliche com três camas. A minha por acaso calhou ser a terceira, na mesma armação. Quando tocava alvorada, levantava a cabeça e só via carecas. Foi só o que eu estranhei, de resto já lá estava há uns quatro anos. Fui para lá com 16. Mas eu vi lá gente pior que eu, eu vi lá muitos a dizerem assim:*

*- Às cinco horas, volta a instrução.*

*A gente ia para a caserna até vir a hora da refeição, e eu via lá tipos encostados assim à caixa, ao pé da cama, tristes, com as lágrimas nos olhos:*

*- "Eh, pá, que é que tens?"*



### **António dos Anjos Pacheco em serviço militar (década de 50)**

*Muitos diziam que nunca tinham visto um comboio senão quando foram para a tropa. Eu acredito que eu se calhar se estivesse na aldeia também só o via quando fosse. E havia outros malandros como o Diabo! Havia de tudo. Era muita gente. Fora os que lá estavam já velhos. Havia tipos muito mais acanhados*

do que eu. Eu já lá estava em Lisboa, já conhecia alguns postos. Depois ao fim-de-semana formava e:

- "Só sai quem souber já os postos todos."

Porque havia quem vinha para a rua e fazia continência a bombeiros, à polícia. E a polícia não tem continência, só tem de uns para os outros e os Bombeiros também não. Mas viam gajos com divisas... Depois diziam que era a vergonha do Exército. Eu já conhecia aquilo tudo. Por acaso até tive um irmão meu que tinha sido lá tropa primeiro. Conhecia aquilo tudo. Eu por acaso fui castigado uma vez por andar lá na paródia. Cortaram-me a dispensa e durante uma semana não pude sair. Era uma tristeza, que eu tinha lá os meus irmãos, e à noite saía, íamos dar lá uma volta. Mas aquilo era duro, duro.



**António dos Anjos Pacheco (3.º dta p/ esq.) em  
exercícios de ginástica no serviço militar (década de 50)**

Lembro-me do primeiro pão que lá deram, um quarto de pão. O padeiro é que era um tipo porreiro. Deixava aquele pão muito duro. Levei para a caserna para uma caixa, onde guardava a roupa. Era uma caixa de madeira. Esteve uma semana dentro da caixa. Parecia um bocado de cimento. Aquilo já de si era muito escuro. Era feito lá daquelas coisas. Aquilo estava rijo. Isso foi no Verão e havia lá um tipo, que era algarvio. Os algarvios falam muito. A gente chamava-lhe o "Fala-Barato". Ele estava mesmo à minha frente e, na altura, a gente não tinha camisola. Andávamos de tronco nu e o gajo tinha o corpo muito branco,



*parecia um pano branquinho. O gajo não se calava, e eu com a malandrice, levo o quarto do pão para cima. Ele via-se muito bem, estava escuro mas ele falava, falava, e eu atirei o pão, mas não atirei para o magoar. Bateu-lhe no peito, tão rijo que ele estava que andou com uma manchazita preta. Ele assim:*

*- "Ó, querias-me matar, pá?"*

*A gente depois levava aquilo tudo para a paródia.*

*- Ó pá, foi na paródia!*

*Mas eu nunca vi uma coisa tão dura como aquele pão que davam. Hoje já se come bem. Eu já disse aos meus netos:*

*- Eh pá, vocês vão para o Exército, se não tiverem outra coisa ao menos agora já se come bem, já ganham e isto está mal de empregos.*



**António dos Anjos Pacheco (2.º dta. p/ esq.) em serviço militar (década de 50)**

**"É de Cebola?"**

Eu ouvi falar do João Brandão e do Viriato, que também andou nessas serras. Dizem que nos Chãs d'Égua, quando andaram a construir a capelinha, que apareceu lá um anel do João Brandão. Diziam que ele se ia lá esconder e conseguiu. Eles, um dia, para o deitarem abaixo, acho que se foram lá esconder

na torre. Quando ele ia a passar, parece que o dominaram ali assim. A do Viriato é mais antiga. Era o homem que dominava também tudo, nas serras. Também se falava do assassino da Inês de Castro. Era Diogo Lopes Pacheco. Mas não era eu. Não sei se ainda podia pertencer à família. Os Pachecos estão espalhados aí por todo o lado. Vieram de Cebola. É curioso que eu lembro-me de um tio meu, irmão do meu pai, lá em Lisboa, estava um dia a conversar com umas pessoas, a falar das serras. E ele disse:

- "O meu pai era de Cebola!"

E as pessoas ficaram:

- "É de Cebola?"

Pois era de Cebola. Ele era de carne e osso como a gente mas a terra é que se chamava Cebola. Tanto que eles depois mudaram. Era Cebola e hoje é S. Jorge da Beira. Ali onde iam buscar o minério, às Minas da Panasqueira. Mas ali tiveram uma actividade dos diabos, no tempo das guerras. Dali saiu o volfrâmio para a Alemanha, para a França, para a Espanha, para todo o lado. Ia para lá gente a pé, a "butes", não é muito longe. Para Arganil ainda é mais longe. Não chega a 40 quilómetros. Eram 30 e poucos quilómetros a "butes". Tem é que se subir serra e descer serra. Mas ali é um horizonte a perder de vista, para o lado da Beira Baixa, para o lado do Zêzere. Avista-se lá ao longe, onde é a barragem de Santa Luzia. É um horizonte a perder de vista para todo o lado.

## **Lugar *Uma aldeia com mudanças***

### **"Parecia que até já via de noite"**

Houve uma série de melhorias na aldeia, como a luz. Foi mercê do Piódão ser classificado como Aldeia Histórica, porque dantes não havia nada. É verdade. Eu fui-me criar até aos 50 e tal anos sem haver luz. Sem haver nada. A gente já andava habituada. Tínhamos umas lanternas com azeite. Parecia que até já via de noite. E iam regar as hortas de noite. Porque a água estava dividida: das tantas às tantas é do Zé, das tantas às tantas é do Manuel, é tudo seguido. Tinha de ser. Aquele que lhe calhava de noite tinha de ir regar de qualquer maneira. Eram umas dificuldades mas as pessoas eram rijas, suportavam tudo. E agora está tudo muito mais facilitado, cada vez há mais doenças, cada vez as pessoas valem menos. Estão mais arruinadas.



**Ricardo Lopes Pacheco, filho de António dos Anjos Pacheco, durante as filmagens d' "O Piano" (Piódão, início da década de 70)**

### **Regas nocturnas**

As levadas, construíram há pouco tempo. Agora são levadas boas com manilhas. Dantes, havia uma, que tinha mais distância, que ia do cimo da povoação até ao fim de onde acabavam de cultivar. Era mais de 1 quilómetro ou 2. Tudo em terra. Não tinha cimento nem manilha. Vinham os bichos, as cobras, lagartos, ratos e abriam buracos. E então quando chegavam ao fim de tudo, dos campos, não chegava lá água nenhuma. Andavam com umas lanternas de noite, a tapar buracos na levada, por aqui e por ali toda a noite. Agora, cimentaram, fizeram-se as levadas todas em cimento e manilhas, mas agora não há quem cultive. Mas assim já não se perdia água nenhuma. Na altura também havia mais água do que agora.

### **Televisor a pilhas**

Quando apareceu a televisão, eu estava na Pontinha, em Lisboa. Lembro-me que havia muita gente a olhar.

- "O que é?"

- "Olha, é a televisão!"

A televisão em Portugal tem 50 e tal anos. O nosso país está um bocado atrasado. Primeiro, poucos tinham um televisor. Apareceu no Piódão uma pessoa, arranjou uma televisão a pilhas, toda a gente ia lá ver.

### **Era tudo a pé**

A gente pertence ao concelho de Arganil, mas do Piódão para lá são 41 quilómetros. As pessoas, para tratarem de qualquer documento nas repartições, iam a pé. Não havia estradas, mas também não havia dinheiro para transportes. Iam a pé e vinham. Levavam dentro de um saco uma broa, um pão de milho com um chouriço e um queijo. Era daquilo que cultivavam e que criavam. E comiam assim. Bebiam água ou se tivessem algum tostão, compravam um copo de vinho. Mas eram rijos. Ainda há poucos anos, um homem, que já morreu, foi a pé tratar de umas coisas. Não se dava nos carros. Já havia carros mas não se dava e foi a pé. Claro que conhecia aqueles atalhos. Era preciso remédios, iam a Côja, que ainda são aproximadamente 30 quilómetros. A pé. Mas hoje já há estrada, embora não esteja muito boa. Dizem que vão arranjar, mas não há dinheiro. O Governo está sempre a dizer que não há dinheiro. Se eles passassem aquilo que eu passei ainda haviam de chorar mais. Mas hoje já vem uma ambulância buscar um doente. Qualquer coisa também já há um táxi. Na altura, não havia nada. Há uma carreira. Já cá veio um autocarro. Vinha duas vezes por semana mas agora não se justifica porque não há gente. Mesmo assim esta aldeia é a sede de freguesia. Tem aqui Malhada Chã, Chãs d'Égua, Fórnea, Tojo e umas quintas. Tem mais umas territas que pertencem ao Piódão.

### **De tamancos na neve**

Os Invernos antigamente, era curioso. A gente tinha dias, quando se ia levantar de manhã, para sair para fora, tinha de andar a puxar a neve com umas enxadas, porque ela chegava a meio da porta. Isto é tudo cômoros. Era tudo liso. Eu lembro-me, quando era miúdo, chegava a haver neve aos meses. Porque o Piódão fica numa cova, na encosta situada na Serra do Açor. E então, a neve vinha naqueles dias pequeninos, com a temperatura muito baixa. Vinha um nevão grande, e no outro dia estava bom, o tempo bom. Tudo limpinho e ainda arrefecia mais. Depois, aquilo vidrava, congelava de uma maneira. A gente andava, às vezes, descalços por cima daquilo. Era a nossa vida. A correr de um lado para outro. E andávamos assim. Estava aí aos meses porque o sol dava pouco tempo no Inverno e naqueles sítios onde não chegava a dar o sol, ficava ali aos meses de neve. Agora vem pouca, eu só me lembra de aparecer num ponto

mais alto, aí umas duas vezes. Já não vem a neve que vinha. Frio, vem muito frio e chuva. Mas a neve não vem. E a neve é que fortalece os nascentes de água. A nossa terra ainda tem muita água. Até há água a correr na povoação. Não é de represa, é sempre a correr água, sempre a correr. Vem de um barroco. E há muitas terras que quando chega o fim do Verão estão sem água. Aqui há muita água. Mas quando havia muitos nevões ainda era pior, havia para aí água por todos os lados porque o próprio nevão é que sustenta as nascentes. Na Serra da Estrela, que é um sítio alto há lá sempre neve. Como há muita neve há quase sempre água.

O calçado eram os tamancos. Por baixo era madeira e por cima a sola. E então metiam-se aqueles nevões altos de meio metro, a gente ia a andar, metia o pé para baixo quando ia a puxar para cima ficava lá o tamanco e vinha o pé. A minha mãe contava que vinham aqueles nevões muito grandes, tinham os animais nas terras e estavam dois e três dias sem lá poder ir botar comer. Uma altura, a minha mãe disse-me que estiveram sete dias sem lá poder ir botar comer e quando lá chegaram, algumas já estavam a cair para o lado, com a fome. Agora não, agora já se vai. Não neva tanto, mas antigamente até dava gosto andar aí a pisar essa neve, por um lado e por outro.



**António dos Anjos Pacheco, dominando  
um carneiro (Piódão, década de 70)**

Com as outras crianças fazíamos cada boneco de neve! Era neve em cima uns dos outros e tudo. Eu lembro-me que, numa eira onde antigamente malhavam

o centeio, a gente fazia ali bonecos da altura de um homem, depois deitava-os por aí abaixo, contra as casas. Era um barulho dos diabos. A gente brincava com o frio e com a neve. Hoje não, hoje o frio é que brinca, pelo menos comigo, que eu já estou arrumado.

### **A origem do nome**

Dizem que o início do Piódão não foi onde é hoje. Dizem que vem das Casas Piódão. Foi na parte de baixo, numa quinta perto do Torno. E lá, num altozito que lá há, está uma capelinha que fizeram, para as almas nas Casas Piódão. Dizem que, na altura, havia muito mel e havia muita formiga, muita formiga:

- "Eh pá, isto aqui não se pode viver!"

E foi quando vieram das Casas Piódão. Daí a origem do Piódão. Isso eu ouvi contar muita vez, aos antigos.

### **Viver em paz e com água fresca**

O Piódão significa viver em paz. O descanso. Isso se as pessoas vivessem com o espírito de calma, de se entenderem bem uns com os outros, de não haver guerras. O que é, é que se luta muito pela sobrevivência, porque a aldeia não tem condições, não tem nada. Tem um bocadito de comércio, mas indústria não há, não há nada. E isto foi mercê de um arquitecto que veio ao Piódão, quando já havia as estradas mas ainda muito fracas. Ele começou a olhar e viu as silveiras, com amoras pretas. Havia aí muitas antes de arder.

- "Eh pá, isto aqui dava para fazer uma indústria de conserva de amoras."

Eu não sei, o homem foi andar por lá pelos Ministérios, por um lado e por outro, por Lisboa, por Coimbra e arranjou de isto ser classificado de Aldeia Histórica. Não tinha luz, não tinha água, não tinha nada. Agora temos tudo, temos saneamento, temos água ao domicílio, temos isso tudo. E a água é boa porque eu vejo às vezes virem aí turistas com garrafas de água. A água cá até temos a melhor. Porque a gente vê na televisão, lê no jornal, pessoas que vão parar aos hospitais intoxicadas com as águas, com a alimentação. Aqui a água é pura, ela nasce ao cimo da povoação, à esquerda, por baixo da rocha. Agora no Verão quando está muito calor, é fresquinha parece que vem do frigorífico. E no Inverno, é o contrário. Quando está muito gelo, vem mornazinha. Vem lá debaixo da rocha. Ali ninguém vai deitar pesticidas. Dizem os antigos, que houve uma altura que esteve sete anos, por uma vez, e noutra vez esteve três anos sem chover. Secou tudo, vinham aqui pessoas, os almocreves, com machos, odres, buscar água para abastecer, para as terras:

- "Ó senhor, dê-me um copinho de água."
- "Não tenho. Se quiser um copo de vinho..."

As videiras, enquanto não secou a terra toda, davam uvas que derretiam. Aquilo era vinho por todo o lado. E água não havia. No Piódão há uma fontezinha que chamam Fonte dos Algares, que tem uma santinha, nasce ali mesmo. Só está aquele cano a deitar para fora porque nasce lá mesmo ali encostado. Aquilo é ao lado da rocha. Aquela é que é boa. Não é como aquela que a gente bebe de um lado para o outro.

### **Avaliação "*Bom para divulgar*"**

O projecto será bom para divulgar o Piódão. Havia de trazer era mais uns lucrozitos para estas aldeias.